

Material duplica o preço

As temidas listas de material escolar já começam a chegar às livrarias e papelerias do Distrito Federal e, com elas, mais uma violenta mordida no congelado orçamento da classe média. E o problema não se reduz aos preços, mas também a falta de material didático necessário principalmente ao 1º e 2º graus.

Embora seja difícil uma estimativa precisa, os custos inerentes a uma lista completa de material exigido neste início de ano praticamente duplicaram com relação ao ano passado. Hoje, por menos de Cz\$ 1.500,00 cruzados, dificilmente poderão ser adquiridos todos os itens considerados indispensáveis à aprendizagem dos alunos, o que inclui pastas, canetas, tintas, caderno, lápis de cor, borrachas, estênceis para mimiógrafos e, naturalmente, os livros. Estes últimos literalmente reduzidos com relação aos demais materiais sempre em quantidades absurdas, segundo observaram os gerentes e balconistas das papelerias e lojas de livros.

Teosina Viana Azevedo, balconista da Casa do Livro, apesar de admitir a existência de um estoque razoável de livros didáticos, queixa-se da falta de alguns dos frequentemente procurados. Os pedidos que deveriam ter sido entregues na última semana pelas diversas editoras ainda não chegaram. "Mas como o governo anunciou um aumento para a próxima sexta-feira que deverá ser superior a 60% talvez as encomendas comecem a chegar na segunda-feira. No último ano, as listas de livros costumavam ser mais extensas do que as deste ano, frisou, atribuindo ao fato os altos custos que somam ao final das compras cerca de mil cruzados.

Livros à parte, que em algumas livrarias estão realmente em falta, outros materiais como as caixas com 36 lápis de cor e as canetas hidrocor de ponta porosa mais grossa, além de cadernos de cartografia e as tradicionais pastas escolares também estão em falta no mercado. Os produtos oferecidos como opções são também mais caros, como as mochilas que estão em moda e outras marcas alternativas.

Na Poliarte, o gerente João Sandro, informou que até o momento somente foi entregue a terça parte do material pedido. "Talvez com o aumento dos preços liberado pelo governo, as fábricas comecem a mandar os pedidos que já foram feitos há mais de seis meses. Contamos com um estoque guardado desde o último ano, que facilita o atendimento aos clientes", frisou. Na sua opinião, entretanto, as escolas estão mais uma vez exagerando nas listas de material.

Algumas escolas chegam ao absurdo de pedirem até três resmas (1.500) de folhas de papel estêncil, o que fatalmente não será utilizado pelos estudantes em dois semestres escolares.

Solidário com os pais, os vendedores contrariando o objetivo principal do comércio que sem dúvida é vender — aconselham a redução na compra do material exigido.

João Sandro, que tem filhos em idade escolar não consegue acreditar que possam ser utilizados os seis a oito litros de 800 ml, de guache, que costumam ser pedidos em alguns casos.

O estudante Luiz Fernando Pires, de doze anos e no sexto período do Inei procurava na papeleria Art-Tec canetas hidrocor de ponta grossa e somente encontrou as de ponta fina. O gerente da loja, Raimundo Lindolfo Pereira, explicou que existe uma certa variedade de marcas 20% mais caras, mas vários produtos estão mesmo em falta. Como os demais vendedores, acha que as escolas exageram nas listas de material, que sem somar o preços dos livros que a Art-Tec não trabalha, ficam entre 400 e 600 cruzados o que é muito caro para os assalariados.

Nas Lojas Brasileiras, o gerente de vendas, Valdomiro Guindane afirmou que não existem dificuldades com o fornecimento de materiais escolares. Somente ontem, teve problemas de espaço para as 23 toneladas de cadernos que chegaram em uma carreta. (Angela Drummond)